

## **O acolhimento ao excursionista na educação básica**

**Eliane Norgang de Oliveira<sup>1</sup>**  
**Josiane Maria de Freitas Tonelotto<sup>2</sup>**

**Resumo:** O trabalho busca compreender o acolhimento ao excursionista e entender como a educação pode exercer papel formador nesse processo. O objetivo da pesquisa foi relacionar educação, acolhimento e prática excursionista, é exploratória e fez uso de diferentes técnicas. Além da observação participante aplicou-se nos quatro grupos estudados: pais, professores, alunos de educação infantil e alunos de ensino fundamental questões abertas, entrevistas e análise de grupos focais, como mais uma forma de coleta de dados qualitativos e considerando as diferentes linguagens foi realizada análise de desenhos com os alunos menores, considerando que os alunos da educação infantil com idade entre 03 e 04 anos ainda têm domínio de pequeno repertório de palavras e a linguagem falada está em construção, dessa forma a técnica da análise de desenhos também foi agregada à pesquisa realizada. A observação participante deu-se durante a visita à Sala São Paulo – Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo e, estudar as implicações do turismo, patrimônio cultural e as implicações da prática excursionista na acolhida e na prática educacional como transformadora é o objetivo geral desse trabalho. A bibliografia favorece a reflexão sobre as aprendizagens individuais e coletivas, sobre responsabilidade e compromisso, dessa forma é possível atribuir à educação básica um papel formador e transformador no que diz respeito ao acolhimento humano.

**Palavras-chave:** Acolhimento. Educação. Sociedade em Transformação. Turismo. Excursionista.

---

<sup>1</sup>Mestranda em Hospitalidade - UAM, professora da rede municipal de São Paulo, graduada em pedagogia psicopedagoga clínica e institucional. [norgangoliveira@ibest.com.br](mailto:norgangoliveira@ibest.com.br)

<sup>2</sup>Graduada em Psicologia pela Universidade São Francisco - Itatiba, mestre e doutora em Ciências Médicas pela Universidade Estadual de Campinas. [jotonelotto@anhemi.br](mailto:jotonelotto@anhemi.br)

## **Introdução**

Esse trabalho tem o propósito de trazer reflexões sobre quais são as principais implicações e motivações que permeiam a prática excursionista, o acolhimento e o turismo no universo escolar.

Apresenta uma pesquisa de caráter exploratório e tem respaldo bibliográfico nas áreas de educação, turismo e hospitalidade.

Para a obtenção de dados qualitativos foram usadas diferentes técnicas, dentre elas estão a observação participante e a análise de grupos focais, com a aplicação de perguntas abertas, aplicadas em alunos, pais e professores de três escolas de educação básica da zona Sul da rede municipal de ensino de fundamental e educação infantil de São Paulo durante os meses de março, abril e maio de 2012, a observação participante com relato de excursão à Osesp ocorreu durante o mês de outubro de 2011.

Ao apresentar a relação entre acolhimento, educação, indivíduos inseridos na base de uma estrutura social e buscar relações que impliquem na construção de uma sociedade mais acolhedora e capaz empreender o turismo como prática necessária e profissional na relação humana, este trabalho traz reflexões e iniciais discussões sobre a educação pública e como o acolhimento se apresenta nesse contexto. Tal relação pode ter reflexos em situações cotidianas inclusive em atividades econômicas como o turismo.

Beni (2003) - apresenta a importância de se trabalhar com a ciência do turismo de forma socializada, com o objetivo de facilitar o acesso ao turismo das classes menos favorecidas, delega ao Estado e às empresas privadas o compromisso em se qualificar mão de obra, aperfeiçoar o trabalho e implementar programas que favoreçam este acesso.

... para subdesenvolvidos, como o Brasil [...] e todos os que hoje sofrem o neocolonialismo das culturas agrícolas, da exploração e exportação de matérias-primas e de mão de obra barata, determinadas de antemão pelos mercados consumistas do chamado Primeiro Mundo. Isto nos obriga a estruturar a recuperação dos investimentos turísticos no menor prazo possível, sem maiores considerações, como as físico-ambientais e, por último, próprio turista. (BENI, 2003, p.52)

Dessa forma, compreender o acolhimento ao outro como parte da construção de uma sociedade praticante e conhecedora do turismo profissional e entender como esta ideia se apresenta na educação é o que justifica a realização deste trabalho.

O objetivo geral da pesquisa foi relacionar educação, acolhimento e prática excursionista.

Fonseca & Aldrigui (2009) – discorrem sobre a importância de se trabalhar com turismo como disciplina, apresentando-o como uma oportunidade de se desenvolver atividades diferenciadas, focando no destino e na cultura local, e favorecendo a interação de diferentes conteúdos necessários à formação do cidadão.

Analisar experiências praticadas e as interferências na percepção e construção de futuras práticas de acolhimento num contexto maior ao estudá-las através dos indivíduos praticantes do excursionismo escolar; buscar perceber os possíveis pontos comuns neste caminho de transformação; compreender experiências de turismo de indivíduos inseridos na escola e seu reflexo na construção de um turismo profissional de melhor qualidade em países emergentes, iniciando sua prática através de excursões escolares são os objetivos específicos do trabalho.

### **Excursão e educação básica**

Pearce (2002) - expressa sua preocupação quanto à implicância da educação para o turismo, considera que os impactos percebidos na relação entre quem visita e quem acolhe - são julgamentos feitos por indivíduos sobre outros indivíduos. O autor reflete sobre a educação nesse meio: “Uma comunidade que recebe uma educação mais detalhada sobre o turismo será mais capaz de analisar os impactos que se relacionam especificamente com o turismo...” (PEARCE, 2002, p.161) - o que demonstra haver relação entre educação e ampliação da qualidade das relações entre turistas e residentes.

Ao se pensar na escola e relacionar com o universo excursionista há fatores que promovem inquietações: Por que se promover excursões com os alunos? Por que se encarar toda a distância? Este foi o problema identificado, que permitiu considerar os pressupostos de que há um segmento

que existe e avança num cenário de produção de conhecimento extradisciplinar; o turismo enquanto ciência precisa ser praticado desde a educação básica das séries iniciais.

Com o intuito de compreender o fenômeno do ensino do turismo inserido na escola básica, busca-se uma aproximação de sua essência, por meio da descrição e registro das diferentes percepções dos sujeitos envolvidos com o fenômeno em questão, considerando o mundo cultural e seus valores (FONSECA, 2009, p.07).

Moser aponta como a educação básica pode desempenhar importante papel social educando em um contexto social capaz de preservar memórias coletivas das próprias comunidades enquanto capacita seus indivíduos para o desempenho de importantes atuações sociais, segundo o próprio autor, “São muitas as necessidades que permeiam o entrelaçamento entre educação, turismo e legado cultural de um povo...” (MOSER, 2004, p. 115).

Ao relacionar educação, turismo, acolhimento e o potencial de transformação social, este estudo procura apontar evidências do quanto o sucesso do turismo depende de pessoas bem educadas capazes de atuar como protagonista em diferentes contextos.

O ponto de partida é uma análise sobre alguns saberes já constituídos e praticados na busca de responder como o acolhimento pode, em uma sociedade em transformação social, resignificar a inserção do outro e profissionalizar o turismo enquanto empreendimento profissional, social e educacional.

### **OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE**

“Ler o Mundo” é o que propõe Freire (2000) - o autor defendia a escola como espaço de transformação social:

...porque mudar o mundo é tão difícil quanto possível. É a relação entre dificuldade e possibilidade de mudar o mundo que coloca a questão da importância do papel da consciência na história, a questão da decisão, da opção, a questão da ética, da educação e de seus limites. A educação tem sentido porque o mundo não é necessariamente isto ou aquilo, porque os seres humanos são tão projetos quanto podem ter projetos para o mundo. A educação tem sentido porque mulheres e homens aprenderam que é aprendendo que se faz e se refazem, porque mulheres e homens se puderam assumir como seres capazes de saber, de saber que sabem, de

saber que não sabem. De saber melhor o que já sabem, de saber o que ainda melhor o que ainda sabem. A educação tem sentido porque, para serem, mulheres e homens precisam de estar sendo. (FREIRE, 2000, p.20)

A educação aqui vista como empreendedora e transformadora apoia-se na possibilidade de estar centrada na tarefa de não mais se perceber como um palco de transmissão de saberes constituído e sim um espaço capaz de aperfeiçoar os processos de aprendizagens para ampliar os saberes dos indivíduos ali inseridos e contribuir assim para o avanço social, moral, intelectual e cultural. Essa ideia se fundamenta na reflexão sobre a escola brasileira feita pelo sociólogo Florestan Fernandes que em entrevista disse “Um povo educado não aceitaria as condições de miséria e desemprego como as que temos” (Revista Nova Escola, 2008) - para ele a educação transformadora e se faz e se desfaz por si mesma dando condições de se libertar da opressão social.

Trabalhar com a experimentação de novos sons, novas cores, novos cheiros, novos olhares... Enfim favorecer o aprender a aprender, este foi o objetivo do trabalho observado que buscou apresentar um pouco do melhor e do erudito das produções culturais nacionais, mais precisamente, paulistanas.

A excursão acompanhada foi à Sala São Paulo onde se realizou parte do trabalho com o projeto: “Descubra a Orquestra na Sala São Paulo” – o projeto pedagógico teve dentre outros objetivos trabalhar as diferentes linguagens e favorecer a expressão e a comunicação dos alunos envolvidos, foi realizado com 90 alunos de três terceiras séries do ensino fundamental da EMEF Professor Florestan Fernandes, localizada próximo ao terminal rodoviário Varginha, Av. Margueritte Long, 41, Jd. Guanabara - no extremo sul da zona sul do município de São Paulo.

Foi interessante observar e registrar aspectos fundamentais da prática excursionista provavelmente não pensados durante a realização de eventos dessa grandeza, como, por exemplo, o encantamento dos alunos com o percurso realizado, o encantamento com a estrutura arquitetônica adentrada, a percepção dos alunos dos diferenciais percebidos durante todo o trajeto como instalações hidráulicas, elétricas, automóveis em circulação (até mesmo os públicos), lojas e comércios... Enfim foi possível perceber a veracidade da fala de João Carlos Martins ao

afirmar categoricamente o poder da música como salvadora e transformadora, pode se descobrir a beleza desse universo e explorar um pouco dos saberes que a equipe Osesp compartilhou com todos e o quanto foi rica essa divulgação podendo ser praticada em salas de aula.

Contudo, o universo excursionista possivelmente empreende muitos saberes que podem ser explorados e extrapolados em linguagens acadêmicas e traduzidas para o universo infantil e escolar podendo contribuir para que se encarem os desafios apresentados na escola atual e que se apresentam nessa leitura.

Morin (2003) - apresenta a proposta de religação entre conhecimentos e educação, considera a incerteza e as contradições como partes de um todo, do homem como um todo, considera a transdisciplinaridade essencial ao desenvolvimento humano e afirma que trabalhar essa complexidade de contrariedades e do todo vivido provocaria a prática de uma pedagogia libertadora “trazemos, dentro de nós, o mundo físico, o mundo químico, o mundo vivo, e, ao mesmo tempo, deles estamos separados por nosso pensamento, nossa consciência, nossa cultura” (MORIN, 2003, p. 32).

Ampliar o conhecimento, o repertório e as experiências, sobretudo diferenciando-as daquelas já vivenciadas essa é possivelmente a função dos mediadores processo de aprendizagem.

## **ACOLHIMENTO**

Compreender o acolhimento ao outro, percebê-lo como parte da construção de uma sociedade praticante e conhecedora do turismo profissional e entender como esta ideia se apresenta na educação é o que justifica a realização deste trabalho.

Percorrer esse caminho e buscar relacionar dessa forma o acolhimento, transformação social e educação empreendedora com foco prática da excursão como objeto de estudo são as propostas deste estudo.

Decroly (2008), educador que defendeu a ideia de que crianças aprendem o mundo com base em uma visão do todo concebia as relações dentro da escola como uma sociedade em miniatura,

tendo assim a função de garantir a formação intelectual, física e moral sólida para construir uma vida de cidadão.

Dessa forma é possível relacionar a educação vinculando-lhe o papel de capacitadora e facilitadora desse processo de transformação social na medida em que se relaciona a ideia de transformação a um movimento intelectual de interação e aprendizagem de saberes significativo, havendo trocas contínuas entre quem ensina e quem aprende.

Diante disso ao conjunto das variáveis que se encontram nesse contexto ao se relacionar a construção intelectual feita também na escola como propulsora de mudanças sociais no mundo, fica evidente que as mudanças necessárias extrapolam a seara do libertar-se de uma lógica dominante, esbarra em formação ética, política, moral, social e também profissional. Na convergência entre a formação, os formadores e os conflitos que permeiam essa relação de troca e aprendizagem encontram-se, dentre outros profissionais da educação, os professores. Aos professores cabe não apenas a tarefa de transmissores de conhecimentos, mas acima de tudo, de estudiosos, de reescretores de suas histórias pessoais, dessa forma, Lima (2005, p.167) - aponta para as questões pessoais como importantes nas relações humanas estabelecidas na escola, dentro e fora dela, como percussoras do conteúdo didático não explícito- já que para que se haja aprendizagem é necessário também o estabelecimento de vínculos, (LIMA, 2005).

A bibliografia promove a reflexão sobre as aprendizagens individuais, sobre responsabilidade e o compromisso pessoal com elas além de apontar para a conquista da liberdade, desse modo é possível entender liberdade como fruto da construção de saberes e desenvolvimento de potencialidades.

É na complexidade da vida humana, segundo Lima (2005, p.152) que “a possibilidade da liberdade é construída a cada momento”. Dessa forma, segunda a autora os indivíduos estão aptos a transpor dificuldades encontradas na medida em que se desenvolvem integralmente por meio de suas próprias experiências. E esclarece que aprender os faz livre, e só com liberdade é que se expressam saberes, unicamente validados como aprendidos aquilo que foi por experiência pessoal processado, o que se significou e permitiu que se instalassem na memória.

Considerando o seu potencial de transformação da escola é possível perceber e significá-la enquanto espaço de ensinantes e aprendentes capazes de se constituírem enquanto indivíduos livres, indivíduos dotados de inúmeras capacidades sociais, morais, intelectuais e de transformação,

podendo se conceber enquanto protagonistas e atuantes em diferentes classes sociais inclusive na Base da Pirâmide (PRAHALAD, 2005).

## **A PESQUISA DE CAMPO**

Com os participantes das pesquisas foram realizadas diferentes técnicas dentre elas o grupo focal, como uma forma de coleta de dados envolvendo um pequeno grupo de pessoas em um grupo de discussão não formal “e este ambiente é útil para os participantes discutirem as percepções, ideias, opiniões e pensamentos” (ANTHONY & NANCY, 2009), realizado com 18 alunos do 5º ano do ensino fundamental da EMEF (Escola Municipal de Ensino Fundamental) Bernardo O’Higgins, localizada na R. Palacete das Águias, 585 - Vila Alexandria. Com um segundo grupo de 06 alunos, também do 5º ano e da mesma unidade aplicaram questões abertas que segundo a definição dada por Dencker e Da Viá (2001) – e o tipo de formulação indicado para a aplicação em que o pesquisador desconhece as escolhas de alternativas. Aos alunos que participaram das entrevistas foram realizadas três questões: como se preparam para excursões; se participam de muitas excursões; do que mais gostam durante as excursões.

Com os (2 grupos de 15 alunos -somando 30) alunos menores com idades entre 03 e 04 anos da educação infantil do CEI (Centro de Educação Infantil) Vila Ernestina, localizado na R. Professor Guilherme Belfort Sabino 915 - Campininha - a técnica de grupo focal abordando algumas questões foi utilizada para a apresentação das perguntas, no entanto, considerando que o grupo ainda não domina com facilidade a linguagem falada, dado seu pequeno repertório, ainda em construção, a coleta de respostas documenta-se com registros realizados através de desenhos, já que segundo Cox:

Desenhar parece ser uma atividade tão espontânea e natural que talvez não seja de surpreender que tantos [...] a utilizem como meio de fazer as crianças se expressarem ou falarem sobre as coisas que as afetam. Esse é um uso perfeitamente razoável da atividade do desenho... (COX, 2010, p. 102).

Analisando as respostas dadas e somando as interpretações sobre estas, a pesquisa possibilitou a realização de recortes de expressões de opiniões quanto ao acolhimento.



Realizada com a intenção de apresentar e entender a questão apontada por quatro ângulos, quatro diferentes olhares: as mesmas questões foram aplicadas a alunos de educação infantil, alunos de ensino fundamental, pais e professores.

Essa coleta de dados utilizando técnicas mistas apresenta uma leitura sobre o que é acolhimento, como se percebe e como se dá ou não em um relacionamento.

Com as crianças menores, a pesquisa limitou-se em apenas duas perguntas: sobre o que é acolhimento e como se recebe bem.

A linguagem usada no momento da coleta de dados foi adequada ao público e explicada favorecendo a compreensão. Perguntando-lhes sobre como é ser bem recebido em um lugar, o que faz a gente se sentir bem quando chega a um lugar e, como se preparam para receber uma visita.

Aos outros grupos, além das duas perguntas acima descritas, houve a inclusão de mais duas: sobre a acolhida ao estranho ou estrangeiro e como se considera um não acolhimento.

É possível perceber pontos de convergência na questão do acolhimento independente de idade e grau de instrução, pontos de divergências também são apontados e se consolidam na questão do grupo.

Quadro 1 - Apresentação de respostas:

Questão	Professores	Pais	Alunos - EMEF	Alunos - CEI
O que é ser bem recebido?	.recepção; .org. o espaço; .gentileza; .acolhimento.	.atenção; .carinho.	.com comida; .tratar bem; .ter carinho; .conversa.	.companhia de pais, avós; .ter brinquedo; .ter comida.
Como você recebe?	.org. ambiente; .com comida; .educadamente com dedicação.	.preparando uma comida; .dedicando carinho; .com atenção.	.brincadeira; .após banho; .org. a casa; .com comida.	.com brinquedo; .com festa.
Como se	.com atenção;	.recebendo com	.desconfiando;	

recepção o estranho?	.conhecendo; .com cautela; .com medo.	atenção; .não recebendo; .conhecendo	.conhecendo; .não recebendo	
O que é não ser bem recebido?	.quando se é tratado com hostilidade, ou indiferença.	.quando não se oferece uma conversa.	.quando não “liga” para a pessoa.	
Algo mais...	.há diferença entre acolher e adaptar; .saber quem será recebido para adequar; .implica em experiências.	.acolher bem é atender ao outro, atender as necessidades.	.acolhimento é carinho, amor.	

A pesquisa evidencia que os grupos têm afinidades em suas respostas.

Para os professores, há evidência do aspecto profissional, como preocupação com o público a fim de se adequar atividades, decorações e linguagens, isto na busca do favorecimento do vínculo entre professores, alunos e pais, um vínculo profissional e harmonioso na busca de trabalho anual com tranquilidade e certa harmonia, sem desperdiçar a oportunidade de causar uma primeira boa impressão ao até então desconhecido novo grupo de alunos a ser recebido.

“Ah! Arrumo a sala, deixo enfeites adequados ao público que vou receber, minha sala na educação infantil fica de um jeito, no ensino fundamental de outro e, em casa tenho a mesma preocupação, deixo a casa arrumadinha, limpa...” (Cintia, professora de educação infantil e ensino fundamental).

Essa mesma preocupação também está presente no ambiente doméstico, nas falas há evidências das preocupações quanto organização, limpeza e comensalidade. “Faço uma comidinha gostosa, que agrada a visita, se forem crianças para brincarem com meus filhos recebo de um

jeito, com uma comida se quem me visita são os sogros preparo outra comida...” (Adriana, professora de educação infantil e ensino fundamental).

Para os pais fica evidente a problemática da avaliação da recepção de seu filho no espaço público, como a escola, por exemplo: “Eu vejo como vocês (professores) recebem minha filha, como tratam, fico de olho, sempre, tem coisa que dá pra perceber!” (mãe de Ana Clara, aluna do CEI, Centro de Educação Infantil).

O carinho, o afeto que permeiam a atenção, o cuidado, o ensino são percebidos como um bom acolhimento ao outro em um determinado grupo. Quando citaram experiências pessoais como a recepção numa visita, ou em um emprego também apontaram para o carinho.

Para os dois grupos de crianças, a preocupação com a ocupação do tempo livre é determinante e se evidencia em algumas falas: “... é preciso brincar com alguma coisa...” (Marcos, 9 anos, aluno do Ensino Fundamental); “Eu chamo pra brincar comigo, ou assistir tv.” (José , 9 anos, aluno do Ensino Fundamental ); “Tem um escorregador bem grandão e tem que subir, subir...” (Ana Paula, 3 anos, aluna do Cei, Centro de Educação Infantil).

Após a análise das respostas encontradas na pesquisa de campo pode-se entender que não há acolhimento algum em se oferecer para crianças um espaço bom, bonito e limpo sem a oferta do brincar, do interagir.

Entre as crianças também se percebe a afetividade como marco de um bom ou mau acolhimento, destacam-se falas com: “[...] é preciso ser carinhoso, tratar com respeito...” (Luis, 9 anos, aluno do Ensino Fundamental), a presença de um adulto em quem confie também ajuda no sentimento de um lugar bom ou não: “Tem meu pai, minha mãe...” (Ana Julia, 3 anos aluna Cei, Centro de Educação Infantil,); “Foi legal quando fui com meu pai lá na caixa D’água...” (Pedro Vitor, 03 anos, aluno do Cei, Centro de Educação Infantil). Outro aspecto que destaca é a função simbólica de gestos e palavras.

“Acolhimento é diminuir, para você receber bem uma pessoa você tem que dar comida, emprestar seus brinquedos... tem que diminuir!” (Murilo, 09 anos, aluno do Ensino Fundamental), já demonstrando conhecimento do acolhimento enquanto relação de hospitalidade.

Na pesquisa, há evidências de que a adaptação necessária para convívio em sociedade como, por exemplo, adaptar-se à escola, ao emprego, ao professor, as regras de um time, entre outros, não se relacionam com o acolher ao outro dentro de um contexto específico. Na maioria das vezes, as relações sociais se mantêm na adaptação, com certo jogo de poder e de disputas de egos entre as pessoas: “Acolher não é assim, tem que ser desse jeito e pronto!” (Adriana, professora de educação infantil).

Quadro 2- Pesquisa sobre excursão

Questão	Respostas colhidas junto aos alunos do Ensino Fundamental:
Preparativos	Ansiedade; preparação do lanche; arrumação da roupa; acordar muito cedo.
Participa com frequência	As respostas são bem divididas encontra-se sim e não.
O que mais gostou da excursão à Sala São Paulo	Música; ver os músicos atuando; do teto; das estátuas vistas durante o percurso.

Nessa análise, pode se observar o quanto a prática da excursão extrapola os objetivos pedagógicos traçados e já descritos nesse trabalho; os alunos descrevem observações como estátuas, o despertar logo cedo, os preparativos com tanta antecedência... Como a escola se prepara para acolher tantas expectativas? Como se circula esses saberes e essas percepções numa sociedade emergente e praticante de turismo que precisa se profissionalizar? Essas questões ainda precisam de mais estudos para se que encontrem respostas. É possível se perceber o acolhimento, a hospitalidade, a educação, a prática excursionista e a ciência do turismo como potenciais matérias para se trabalhar nesse fecundo espaço.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com base nos dados apontados pelo estudo bibliográfico e os resultados parciais desta pesquisa há necessidade de se trabalhar o turismo de forma extradisciplinar ainda pouco difundida na educação básica de modo geral, a fim de proporcionar uma compreensão mais

ampla do turismo, da educação, da excursão enquanto prática escolar; a observação e o estudo podem promover a percepção da prática excursionista como produtora e mantenedora do acesso ao patrimônio cultural possivelmente não acessível pelo público observado de outra forma, se não através da excursão escolar.

Há necessidade de se ampliar discussões com contribuições e estudos diferenciados a fim de enriquecer esse estudo sobre turismo, patrimônio cultural, educação, hospitalidade e acolhimento.

É possível que acolher, enquanto inserção do outro sem imposição, ainda precisa ser aprendido, trabalhado, estudado e ensinado nesse contexto, principalmente se há preocupação quanto aos futuros acolhimentos, praticados na sociedade emergente como um todo globalizado.

Fica evidente o quanto a concepção de acolher o outro se faz presente na sociedade atual. Revisitar a cultura da acolhida é necessária, contudo, parece ser preciso se capacitar para se profissionalizar em uma área de conhecimento ainda pouco disseminada em parte da população, como é o turismo.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

Beni, Mario Carlos (2005). *Análise Estrutural do Turismo*. São Paulo: Senac.

Camargo, Luis Octávio (2008). *A pesquisa em hospitalidade*. Revista hospitalidade São Paulo: Anhembi Morumbi.

Cox, Maureen (2008). *Desenho da criança*. (3ª ed.). São Paulo: Martins Fontes.

Davidson, Willian. (2002) *O que são viagens e turismo: constituem de fato um setor?* Cap. II, p. 51.

Em THEOBALD, W. F. org. (2002) *Turismo Global*. São Paulo: Senac

Dencker, A & Da Viá S. (2001) *Pesquisa empírica em ciências humanas (com ênfase em comunicação)*. São Paulo: Futura.

Decroly, Ovide (2008, Julho, Edição Especial). *Os grandes pensadores. Quarenta e um educadores que fizeram história, da Grécia antiga aos dias de hoje*. Revista Nova Escola, pp.68-69.

Dumazedier, Joffre (1994) *A revolução cultural do tempo livre*. São Paulo: Studio Nobel.

Fernandes, Fernandes (2008, Julho, Edição Especial). Os grandes pensadores. Quarenta e um educadores que fizeram história, da Grécia antiga aos dias de hoje. Revista Nova Escola, pp.107-109.

Fonseca, Ari S. F. (2009). Educação Turística - Formação Contínua de Professores da Educação Básica para o ensino do Turismo. VI Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo. 10 e 11 de setembro de 2009 – Universidade Anhembi Morumbi – UAM/ São Paulo/SP

Fonseca, Ari S. F. & Aldrigui, Mariana (2009). O Turismo como Tema Transversal na Educação Básica: o projeto “Caminhos do Futuro”. VI Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo. 10 e 11 de setembro de 2009 – Universidade Anhembi Morumbi – UAM/ São Paulo/SP

Freire, Paulo (1997) Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Lima, Tais (2005) Cartograma da autoria do Pensamento: Intervenção psicopedagógica com professores. São Paulo: Vetor.

Morin, Edgar (2003) A Cabeça Bem Feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand.

Moser, Giancarlo (2009) Antropologia do Turismo, Sociologia e História: temas e reflexões. Santa Catarina: Asselvi.

Onwegbhzie & Nancy (2009) A Qualitative Framework for Collecting and Analyzing. Data in Focus Group Research. Net, Texas, < <http://creativecommons.org/licenses/by/2.0>>. Acesso em 20: mar. 2012

Pearce, Philip (2002). A relação entre residentes e turistas: literaturas sobre pesquisas e diretrizes de gestão, cap. VII, p. 161. Em THEOBALD, W. F. org. (2002) Turismo Global. São Paulo: Senac.

Philippe, Thurler ET al. (2002). As competências para ensinar no século XXI: A formação dos professores e o desafio da avaliação. Porto Alegre: Atmed.

Prahalad, Combaitore Krishnaro (2005). A riqueza na base da pirâmide: Como erradica a pobreza com o lucro. Porto Alegre: Bookman.